

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CAMILA GROMOSKI DA SILVA

Formação docente na Educação de Jovens e Adultos:
os Memoriais Formativos como recurso reflexivo da docência

Porto Alegre, 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CAMILA GROMOSKI DA SILVA

Formação docente na Educação de Jovens e Adultos:
os Memoriais Formativos como recurso reflexivo da docência

Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Pedagogia apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Arenhaldt.

Porto Alegre, 2017.

Formação docente na Educação de Jovens e Adultos:
os Memoriais Formativos como recurso reflexivo da docência

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia da
Faculdade de Educação da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul como requisito parcial e
obrigatório para a obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Rafael Arenhaldt
Orientador
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a. Dr^a. Simone Valdete dos Santos
Examinador
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a. Dr^a. Denise Comerlatto
Examinadora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dedico esse trabalho a todas as crianças, jovens e adultos, especialmente aqueles que trilharam meu caminho e permitiram compartilhar saberes, ensinaram-me o que eu desconhecia e tornaram-me uma professora apaixonada pela educação e esperançosa pela mudança.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pela infância privilegiada que tive. Por estarem presentes nos momentos mais importantes da minha trajetória e por todo apoio e amor que sempre recebi. Por fazerem o possível para dar aos filhos o melhor, e sem dúvida, foi o melhor! Aos meus familiares, por estarem por perto e demonstrarem-se orgulhosos pelas minhas ações. Aos meus dindos e sua família, por sempre me encherem de carinho e boas lembranças!

Aos amigos que trilharam meu caminho na vida, no trabalho, na faculdade que sempre disponibilizaram o sorriso e as palavras de confortos. Agradeço os abraços de alegria, de compreensão e de acolhimento. Grandes amigos que se fazem presentes e que devem permanecer, obrigada pela preocupação.

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul pelo acolhimento e oportunidade de estudar em uma instituição de ensino de tamanha qualidade, assim como seus educadores.

Ao Colégio Santa Inês, por abrir as portas gentilmente para que eu iniciasse minha carreira docente com nossos pequenos. E aos seus educadores que me inspiraram a ser uma professora comprometida com os alunos e com a educação. Assim como à Escola Municipal Antônio Giúdice, na qual tive a oportunidade de realizar meu estágio obrigatório, conhecer na prática e logo me apaixonar pela Educação de Jovens e Adultos e admirar os profissionais comprometidos.

À minha supervisora de estágio, Prof^a Dra. Denise Comerlato que com seu conhecimento e tranquilidade soube me auxiliar em todos os momentos. Com grande carinho e boas lembranças, deixo meu agradecimento para uma vida toda daquele período de tantas descobertas.

Ao meu Orientador Prof^o Dr. Rafael Arenhaldt que esteve sempre disponível e apoiou-me quando precisei da sua competência acadêmica e paciência em qualquer horário do dia. Obrigada pela ajuda e por esse momento de novas descobertas!

Sou grata pela minha vida e por ter todos vocês no meu coração, obrigada por tudo!

RESUMO

O presente estudo é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia da UFRGS (2017/1) qualifica-se como pesquisa qualitativa por preocupar-se com a interpretação dos dados e a origem dos mesmos. A pesquisa procurou investigar a constituição e a formação docente enquanto *professor reflexivo*, pensando suas práticas pedagógicas em sala de aula, afim de, contribuir para a constituição docente do outro a partir da análise do material pesquisado. Foram utilizados como recurso metodológico de pesquisa os Memoriais Formativos escritos por docentes-estudantes do Curso de Especialização do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) realizado na FACED/UFRGS entre os anos de 2007 a 2009. O Memorial Formativo é uma ferramenta pedagógica que busca explicitar a vivência de educadores, trilhando pelo caminho da escrita aspectos pessoais de sua trajetória de vida até chegar ao ponto que trata sobre sua experiência como docente. Os professores que escreveram os Memoriais têm muito a dizer, contam suas histórias, dados significativos que influenciam no seu fazer docente atual, compartilham seus saberes, até porque todos educadores possuem conhecimento na educação e a troca de saberes é uma das intencionalidades do Memorial Formativo. Os Memoriais Formativos de 14 participantes do Curso foram publicados no Livro: *Memórias e Afetos na Formação de Professores*, organizado pelos Professores Rafael Arenhaldt e Tânia Marques no ano de 2010. Para isso todos os autores do referido Livro foram convidados a participar de uma entrevista coletiva, os convites foram realizados por e-mail e por Facebook para alguns que não correspondia o endereço eletrônico correto. Dos autores, quatro docentes que escreveram há dez anos seus Memoriais se disponibilizaram e compareceram na entrevista coletiva e foram convidados a refletir e revisitar suas produções atualmente, procurando compreender as impressões que essa leitura e conversa produzem. Este estudo encontrou fundamentação em autores como: António Nóvoa, Paulo Freire, Guilherme do Val Toledo Prado, Rosaura Soligo entre outros. Tais autores têm desenvolvido seus estudos e escritos sobre temas como Professor Reflexivo, Formação Docente e Memoriais Formativos. Considerando os estudos realizados neste trabalho foi possível identificar nas escritas dos professores as problemáticas que cercam o cenário educacional e, com isso, estabelecer um diálogo com os educadores teóricos preocupados com o assunto. Entendo que esses professores realizam o seu trabalho da melhor forma possível, reinventando-se com o que eles possuem disponível para oferecer o melhor ao aluno e à comunidade escolar, afirmando-se docentes da rede pública do país e com isso assumindo e enfrentando os desafios postos, trabalhando com respeito ao educando, com convicção nas suas ações e nas consequências que elas podem ter. Valoriza-se, assim, o Memorial Formativo como recurso dentro dos espaços de formação continuada, pois a fala dos professores - falas reais dos (des)amores da profissão - faz com que a formação docente seja pensada dentro do espaço escolar, possibilitando voz ativa aos professores que fazem a educação no dia a dia.

Palavras Chave: Professor reflexivo; Formação docente; Memoriais Formativos.

SUMÁRIO

1. TRILHANDO CAMINHOS, CRIANDO POSSIBILIDADES.....	8
2. ESCLARECENDO O QUE SE PRETENDE	11
3. INICIANDO A TRILHA DE CAMINHOS.....	12
3.1 Sobre o Memorial Formativo.....	12
3.2 O Memorial Formativo e suas possibilidades.....	14
3.3 Formação docente e a escrita autobiográfica como reafirmação da profissão.....	16
3.4 A Reflexão no Memorial Formativo.....	19
4. CAMINHOS DA PESQUISA.....	22
4.1 Trilhando o caminho para a pesquisa, sobre análise documental.	22
4.2 Sobre os autores-educadores.....	23
4.3 Sobre a entrevista coletiva	24
5. CONHECENDO O GRUPO, DESCOBRINDO NOVOS SABERES.....	27
5.1 Sobre as trajetórias de vida: quem são os autores-educadores?.....	28
5.1.1 Jorge Fortuna Rial	28
5.1.2 Evelise Neumann Passos.....	30
5.1.3 Ceres Labrea Ferreira.....	32
5.1.4 Josiane Coelho dos Passos	35
5.2 Pensando no Memorial Formativo.....	36
5.3 O professor da Educação de Jovens e Adultos e seus compromissos	39
5.4 O espaço da formação docente dentro da escola	43
6. CONCLUINDO PARA NÃO ACABAR.....	46
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICES.....	51

1. TRILHANDO CAMINHOS, CRIANDO POSSIBILIDADES.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é requerido no 8º Semestre do Curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). No último período dentro da Universidade tenho desenvolvido interesse pela área de estudo no campo da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e me reconhecido como docente da mesma. Portanto, os questionamentos e os aprendizados sobre o fazer docente que permeiam minha escrita surgiram fora da sala de aula a partir das ações que aconteceram dentro dela.

Trata-se da relevância e implicações que as reflexões das práticas pedagógicas tiveram em minha constituição como professora durante a prática docente obrigatória do curso de Pedagogia que ocorreu no 7º Semestre, no período de 2016/2. Experiência que proporcionou-me muitas aprendizagens. Deste período acadêmico, não levarei comigo somente as madrugadas e manhãs dedicadas a planejamentos e relatórios, assim como noites produtivas em sala de aula com os estudantes, mas levarei também os momentos de aprendizagens, trocas (entre aluno-professor, professor-aluno, aluno-aluno e professor-professor), descobertas, incertezas e acertos aplaudidos pela rede de professores que circulavam dentro da Universidade e na Escola do estágio.

Nesse período da minha vivência como educadora, tive a oportunidade de refletir sobre meu fazer docente e sobre as implicações que minhas ações causavam dentro da sala de aula. Foi um momento de desafio, pois a autoavaliação exige muita maturidade para reconhecer os fatos como eles são e corrigí-los quando necessário. Contudo, esse desafio vencido tornou-se uma paixão, tanto é que, hoje, tenho grande apreço em estudar e escrever sobre a reflexão docente e assuntos que surgem a partir dessa temática.

Podemos refletir sobre o que planejamos e o que efetivamente aconteceu em sala, sobre o que poderia ser diferente, o que foi positivo, negativo, catastrófico ou heróico e assim por diante. Então, podemos refletir sobre o que podemos fazer para melhorar nossa prática constantemente (SILVA, 2014, p.115).

O período de estágio contribuiu de forma inenarrável para minha formação profissional, aprendi com a teoria, mas foi com a experiência dos outros docentes que pude me embasar quando a teoria não acontecia como desejada, portanto, é o que me motiva a

realizar uma escrita que tenha também como elemento a experiência do outro como aspecto positivo na formação docente. A importância deste momento da graduação na minha trajetória docente pode ser dada pelo sentido do termo “experiência”. Para Larrosa, a experiência é “o que nos acontece” e que nos faz refletir, o que não abandona facilmente o pensamento; pelo contrário, diz respeito àquilo que se une a tantos outros saberes para construir novos significados sobre nós mesmos e sobre o mundo em que vivemos (LARROSA, 2002, p. 21).

Foi então a partir das experiências desse período, que decidi falar sobre Memoriais Formativos, que trazem no seu interior a experiência do outro, a importância da reflexão sobre sua prática para seu fazer docente, suporte pedagógico que nos mostra a realidade a partir das lentes dos sujeitos que estão em sala de aula diariamente, transparecem os problemas que envolvem a educação no dia a dia, deixa visível quem são os sujeitos movidos pela paixão docente, os medos que envolvem a profissão e diferentes contextos sociais que cada educador enfrentou e enfrenta para se fazer cada dia um profissional com mais qualidade para seus estudantes, talvez pela sua experiência de vida, saibam respeitar tanto a individualidade de cada discente que frequenta a EJA, sabendo que cada um percorreu um caminho diferenciado até chegar ali, admitindo que o aluno da EJA é diferente do público que frequenta o ensino regular.

O reconhecimento desse sujeito como adulto, valorizando a etapa de vida em que está, sem que seja preciso recorrer às práticas escolares da infância para atender suas demandas, principalmente nos anos iniciais da sua escolarização. (CUNHA, 2012, p.109).

Portanto, nessa pesquisa, tenho como objetivo entender como a experiência do outro pode contribuir na formação dos professores da Educação de Jovens e Adultos. As primeiras informações foram levantadas a partir da leitura dos Memoriais Formativos escritos por quatro educadores da EJA em processo de formação continuada, bem como a análise reflexiva dos dados produzidos na entrevista coletiva com os mesmos, realizada dez anos após a escrita desse material.

Durante a graduação muitos autores contribuíram para minha formação docente, assim como para a minha compreensão do cenário educacional brasileiro, mas alguns influenciaram de forma mais consistente na professora que tenho me tornado a cada dia. Tentei escolher para o trabalho de conclusão uma temática pensando nos assuntos que eu mais gostava de ler,

de autores dos quais me identifico, sendo assim, ao falar de formação docente, reflexão da prática e Memoriais Formativos, esses escritores não poderiam ficar de fora, são eles: Paulo Freire, Rubem Alves, Guilherme do Val Toledo Prado, Rosaura Soligo e António Nóvoa. Grandes autores, com abordagens teórico-metodológicas consagradas, que tem me provocado a questionar sobre a realidade que vivemos e como podemos contribuir para ser a diferença nos dias atuais, quais, cada vez mais a presença do professor em sala de aula e na sociedade precisa ser ativa, precisamos de bons profissionais que juntos possam ajudar a modificar alguns aspectos do cenário educacional. Para Prado e Soligo (2007), nada acontecerá de uma hora pra outra, mas nada justifica a não tentativa da mudança, “diante do muito ainda a fazer, toda conquista tem seu valor e será sempre bem vinda.” (p.45). Uma grande verdade que move e inspira os educadores.

2. ESCLARECENDO O QUE SE PRETENDE

Objetivo Geral:

- Investigar o modo como os professores da EJA se formam no contexto da prática docente, analisando os Memoriais Formativos enquanto dispositivo de (auto)reflexão e formação continuada.

Objetivos Específicos:

- Identificar os Memoriais Formativos como recurso didático, para que o mesmo possa ser valorizado como parte do processo de formação docente, seja inicial ou continuada.
- Promover na entrevista coletiva um espaço para reflexão dos autores sobre sua escrita dos Memoriais Formativos;
- Contribuir para a constituição docente do outro, a partir da análise do material pesquisado;
- Refletir sobre o processo de formação docente construída dentro da profissão.
- Compreender os processos de constituição da docência na pessoa.

Problemática do estudo:

- De que modo os escritos reflexivos dos Memoriais Formativos são redimensionados e revisitados por docentes da EJA em formação dez anos após sua escrita, na perspectiva da constituição da docência na pessoa?

3. INICIANDO A TRILHA DE CAMINHOS

O objetivo deste capítulo é discutir e aprofundar os conceitos que se fazem importante para o desenvolvimento deste trabalho no que se refere a Memoriais Formativos, formação docente e reflexão. Buscando para isso, “conversar” com diferentes autores que focaram seus estudos nessas temáticas, assim como alguns, da Educação de Jovens e Adultos.

Para tanto, esse capítulo está dividido em quatro subseções, sendo que inicialmente busco apresentar do que se trata o objeto de pesquisa: o Memorial Formativo. Em seguida trato de assuntos que permeiam a escrita desse objeto, para então, mostrar como o objeto de pesquisa se relaciona com as discussões expostas e com os docentes da Educação de Jovens e adultos. Procurando mostrar a importância de reconhecermos o Memorial Formativo como um recurso pedagógico nas práticas docentes.

3.1 Sobre o Memorial Formativo

“A história é feita com o tempo, com a experiência do homem, com suas histórias, com suas memórias”
(PRADO; SOLIGO).

Memoriais Formativos contam histórias, diferentes experiências de sujeitos singulares, envolvem memórias que talvez não lhe tragam sensações agradáveis, mas estão ali, e por algum motivo influenciaram na trajetória que cada um seguiu ao longo de suas vidas. Aprender com a experiência do outro é uma ação que exige muita maturidade e humildade da pessoa e foi na tentativa de ajudar a si e ao outro, que se constitui esse gênero de escrita.

Mas afinal, o que é um Memorial de Formação?

[...] é uma forma de registro de vivências, experiências, memórias e reflexões que vem se mostrando imprescindível não só para se tornar público o que pensam e sentem os profissionais e futuros profissionais, mas também para difundir o conhecimento produzido em seu cotidiano. (PRADO; SOLIGO, 2007, p.57).

Sabemos a importância de aprender com o outro, portanto, valorizar a escrita é um ato importante dentro da educação. Destaco, portanto, a importância de lermos também as produções daqueles sujeitos que estão em seu dia a dia fazendo seu trabalho dentro da escola, que diariamente enfrentam desafios que não estão expostos em grandes obras. Portanto,

precisamos incentivar a escrita de professores, para que outros educadores, em formação inicial ou continuada, possam conhecer esse universo que talvez ainda não tenham vivenciado. O momento de escrita não se torna válido apenas pensando que alguém irá ler, mas é um momento de muita importância para os próprios escritores educadores, pois as narrativas de suas experiências dão lugar a profissionais reflexivos, o que torna essa escrita um importante alicerce para a formação de todos.

[...] compreender melhor o memorial de formação como um gênero textual privilegiado para que os educadores – enfrentando o desafio de assumir a palavra e tornar pública suas opiniões, inquietações, experiências e memórias - escrevam sobre o processo de formação e a prática profissional. (PRADO; SOLIGO, 2007, p.46).

O Memorial Formativo, nesse sentido, é uma ferramenta pedagógica que busca explicitar a vivência de educadores, trilhando pelo caminho da escrita aspectos pessoais de sua trajetória de vida até chegar ao ponto que trata sobre sua experiência como docente. Portanto, por ser uma escrita que exige vivências, muitas vezes essa escrita acaba sendo desconhecida por muitos educadores, fazendo com que na maioria das vezes apenas em alguns programas de formação continuada ela se faça presente. Penso que por ser uma escrita tão enriquecedora, poderia ser divulgada para graduandos e docentes que vivenciam a prática nas escolas, mas que não conhecem esse suporte. Ao comentar com alguns professores especializados da rede particular na qual trabalho, muitos não sabiam o que era um Memorial de Formação, ambos acharam interessante esse dispositivo de formação. Concluí, então, que não são todas especializações que fazem uso a escrita do Memorial.

Acreditar na escrita de sua experiência também é uma tarefa difícil e que, vencida, costuma ser muito valorizada, pois ao escrever sua trajetória, esses professores enfrentam suas memórias e talvez grandes dificuldades ao recordá-las. Selecionar o que escrever, o que pode ser essencial para seus leitores, refletir sobre o que se pensa para então entender o que pode ser considerado importante para expor em páginas que se tornarão públicas. Narrar sua história de vida é uma tarefa complexa e cheia de virtudes. O Memorial é mais que escrever sua história, para Prado e Soligo (2007), “é tomar consciência do quanto se sabe, o quanto precisa aprender e do que se sabe sem saber, mas principalmente, entender o quanto ainda há para saber.” (p.57). Portanto, meu interesse por pesquisar sobre esse gênero textual, se faz

também pela tentativa de valorizar essa escrita e torná-la mais visível para outros sujeitos educadores que possam não entender ou conhecer do que se trata esse suporte pedagógico.

3.2 O Memorial Formativo e suas possibilidades

A escrita do Memorial abre caminhos para novas possibilidades, a de enfrentamento dos seus medos, de suas memórias, encorajamento para tornar público o que antes era pessoal, até no pensamento. “Embora cada história aqui relatada teça fios em direção ao passado, cada uma delas aponta possibilidades de futuro, construídas num presente” (ALMEIDA; BERGAMASCHI, 2012, p.13). Talvez essa frase das professoras e historiadoras Almeida e Bergamaschi, sintetiza de certa forma, o que moveu esses sujeitos a realizar suas escritas, acreditar que sua caminhada possa mover possíveis mudanças do futuro. “Idas e vindas, chegadas, partidas, conflitos, alegrias, tristezas, perdas, conquistas, tudo isso se mistura à escolha da docência como ofício e se revela nos percursos trilhados” (ALMEIDA; BERGAMASCHI, 2012, p.14), são momentos que se fazem presentes dentro do Memorial de cada sujeito, alguns enfatizam mais os momentos da vida pessoal, outros nem tanto, Almeida e Bergamaschi (2013), acreditam que cada sujeito ao escrever de si, reconhece uma maneira significativa de como narrar sua trajetória, portanto:

Algumas narrativas apresentam um conteúdo intenso, são reflexões densas acerca da própria existência. Algumas são lineares, os acontecimentos escolhidos seguem a sequência cronológica, enquanto outras rompem com a linearidade ao realizar um vai e vem no tempo e ao considerarem a complexidade (p. 39).

Mas, com certeza, em todos Memoriais Formativos do Livro “Memórias e Afetos na formação de professores” (ARENHALDT; MARQUES, 2010), podemos sentir o coração de cada docente pulsando por sua profissão e percebe-se o reconhecimento e agradecimento por terem trilhado cada qual o seu caminho, com suas dificuldades ou não, pois entendem que o que cada um passou, os tornou quem são. Trata-se de um momento de muita reflexão, qual a leitura do mundo e de si tornam-se parte do trabalho, então, uma escrita que poderia ser considerada “uma simples escrita”, acaba por se tornar uma escrita de intensa formação.

Os professores que escreveram os Memoriais têm muito a dizer, contam suas histórias, dados significativos que influenciam no seu fazer docente atual, compartilham seus saberes, até porque todos possuem conhecimento na educação e a troca de saberes é uma das

intencionalidades do Memorial Formativo, “um professor, é, antes de tudo, alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em transmitir esse saber a outros” (TARDIF, 2002, p.31).

Outro momento importante que faz parte da escrita do Memorial Formativo é o de refletir, entender quem são, que professores se tornaram, porque se tornaram como são e as possibilidades que enxergam para ainda ser quem almejam. O ato de refletir exige muito do escritor, pois refletir não é relatar os acontecimentos, e sim tirar daqueles acontecimentos aprendizagens para o futuro, é admitir o erro, reconhecer o acerto e também criticar o acerto, pensando outras possibilidades para tornar o acerto ainda melhor. Refletir é um ato de muita coragem e complexidade. Freire (2011) escreve sobre a importância de refletir sobre a prática e nos faz pensar ao escrever que: “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blá-blá-blá e a prática, ativismo.” (p.24). Portanto, é essencial a prática de refletir sobre sua prática, conectando com a teoria que embasa seu fazer docente, para que ambas consigam trabalhar na maior parte do tempo com harmonia.

A experiência do outro é uma grande ferramenta pedagógica na formação docente. Estamos sempre aprendendo com o outro, apesar de muitas vezes não percebemos, aprendemos na observação, na leitura, no diálogo, na convivência e tantas outras maneiras em que se pode compartilhar saberes. Portanto, nem sempre reconhecemos de forma justa a aprendizagem que estamos construindo com o outro quando o “outro” pertence à mesma realidade em que nos fazemos presente. Embasamos nossas práticas em grandes nomes, autores que estudaram anos para consolidar uma teoria. Mas já paramos para pensar o quanto nosso colega de escola pode contribuir com nossa formação? Com isso, o Memorial Formativo, pode ser pensado também, como instrumento de formação pedagógica, é importante que possa ser valorizado como parte do processo de constituição docente em espaços de formação inicial ou continuada, ou seja, é possível utilizar o Memorial Formativo dentro das graduações, especializações, em reuniões e formações continuadas dentro dos espaços escolares, entre outros.

É no respeito às diferenças entre mim e eles ou elas, na coerência entre o que faço e o que digo, que me encontro com eles ou com elas. É na minha *disponibilidade* à realidade que construo a minha segurança indispensável à própria *disponibilidade*. É impossível viver a *disponibilidade* à realidade

sem segurança, mas é impossível também criar a segurança fora do risco da *disponibilidade*. (FREIRE, 2011, p.132)

A escrita do Memorial Formativo é também uma forma de diálogo, de comunicação com outros docentes, colegas de profissão que podem se identificar em alguns momentos daquela escrita e com isso, procurar no outro aquele suporte profissional ou até mesmo emocional que antes não havia encontrado. Portanto, é possível reconhecer o Memorial Formativo como parte do processo de formação.

3.3 Formação docente e a escrita autobiográfica como reafirmação da profissão

“Em primeiro lugar, reconhecer que os professores de profissão são sujeitos do conhecimento é reconhecer, ao mesmo tempo, que deveriam ter o direito de dizer algo a respeito de sua própria formação profissional, pouco importa que ela ocorra na universidade, nos institutos ou em qualquer outro lugar.” (TARDIF, 2002, p.240).

Formação docente, para Freire (2011), é uma ação que acontece em grupo, não podemos formarmo-nos alguém sem ter permitido que outros nos formassem, a interação com os sujeitos que nos fazem os profissionais que buscamos ser. Então, “Juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria” (FREIRE, 2011, p.70). Para Bolzan (2002), o conhecimento ao ser compartilhado, faz com que seja possível promover a autonomia dos participantes, trata-se de um momento que possibilita os sujeitos a irem além do que seria possível se estivessem trabalhando individualmente. “Esse avanço permite que cada indivíduo, a partir da estruturação pessoal dos seus esquemas de conhecimento, possa resolver situações semelhantes.” (BOLZAN, 2002, p.63). Participar da docência do outro como sujeito colaborativo e deixar o outro realizar o mesmo trabalho, contribui para a reorganização do fazer docente, favorecendo também o desenvolvimento intelectual.

Trabalhar com experiências de vida, de forma oral ou por registro, faz com que a formação docente valorize não apenas teorias consolidadas, mas que reconheça os saberes, vivências e práticas de professores como contribuinte para a formação da identidade docente. É preciso entender o lugar onde está se exercendo a docência, assim como dos seus parceiros de profissão, faz com que a formação do professor se torne mais eloquente, para que então se possa pensar uma metodologia significativa para o grupo. “Nosso entendimento é de que a

formação se realiza de forma efetiva através do conhecimento de si, da reflexão sobre a prática social que o sujeito se encontra envolvido e imerso.” (ARENHALDT, 2012, p.136).

Sendo assim, ao trabalharmos com as histórias de vida de professores que estão no mesmo espaço que nós, podemos construir a ideia de que a formação de professores está acontecendo dentro da profissão. Portanto, são professores que estão formando professores. “A experiência pessoal do professor pode servir como base para a formação docente, seja inicial ou continuada, pois o ato de refletir a vida provoca um repensar das ações e da forma de aprender a profissão” (FERNANDES; LOPES, 2011, p.46). Para Bolívar (2002), a escrita (auto)biográfica, permite constituir os professores como pensadores da sua própria formação ao estarem contribuindo com suas trajetórias profissionais e refletindo sobre o determinado momento de desenvolvimento que se encontram como profissionais, para o autor, “Tomar, como efeito, a formação continuada do professorado como um caso particular da formação de adultos com experiência profissional de vida significa, entre outras coisas, situá-lo como sujeito e autor de sua própria formação. (p.105).

Vivemos um período na educação em que todos acham que sabem educar, onde qualquer indivíduo obtivesse domínio e conhecimento para falar da profissão ou exercê-la. Como se no magistério não existissem desafios, com isso uma grande desvalorização da profissão tem circulado por nossa categoria profissional. Em determinado momento da história da educação as mudanças e implementações no sistema educacional passam a não ser mais parte do trabalho do professor e o professor passa a se tornar o “culpado” pelos desastres educacionais, e o real motivo de determinado problema se torna omissos, “fala-se que o problema se deve à falta de formação do professorado, transferindo-se para outro lugar o que é parte do próprio problema: como devem ser organizados os centros escolares e o exercício da profissão docente” (BOLÍVAR, 2002, p.101). Logo, se faz preciso restituir aos professores o direito de expor seus saberes sobre o ensino e assim poder contribuir nas decisões que envolvem o campo educacional. Tardif (2002) afirma que:

Ao sustentar que os professores são atores competentes, sujeitos do conhecimento, tais considerações permitem recolocar a questão da subjetividade ou do ator no centro das pesquisas sobre o ensino e sobre a escola, de maneira geral. (p.229).

No entanto, para modificar esse cenário, é pertinente então retomar o poder de falar e decidir sobre educação a quem de fato possui o conhecimento do assunto e mais que isso, constrói o cenário educacional no seu dia a dia. Para que isso seja possível precisamos de docentes que acreditem em seu potencial, entendam que suas experiências podem ajudar o outro. “Os diferentes momentos de uma experiência de vida são o ponto de partida pertinente do processo formativo.” (BOLÍVAR, 2002, p.106). Acreditar em si para ajudar na formação do outro, seja o aluno ou o professor, Bolívar (2002), acredita que o trabalho do formador é também dar um novo significado à prática docente, ele precisa gerar novos saberes, “o *papel do formador*, mais do que ‘transmitir’ um saber externo, é servir de mediador entre a pessoa, o objeto de aprendizagem e a análise de situações vividas” (p.106). Acredito então que o Memorial Formativo possa ser um dispositivo para alcançar esse objetivo, que é devolver aos educadores o poder de decidir pela educação. Para Nóvoa (2006) “a necessidade de uma formação de professores construída dentro da profissão”. Com isso, torna-se possível que o grupo assuma a responsabilidade de fazer a formação dentro da profissão, há mudanças necessárias que podem partir das aprendizagens que acontecem dentro do campo educacional no cotidiano, baseadas em experiências vividas e relatadas pelos educadores.

As histórias pessoais da experiência profissional permitem fazer um inventário de experiências, saberes e competências profissionais; ao mesmo tempo, ao recuperar, biográfico-narrativamente, o sujeito a formar – a partir de suas experiências e lembranças do passado no presente – converte-se numa metodologia de formação. (BOLÍVAR, 2002, p.107).

A troca de experiências na educação não pode ser classificada como um “passa tempo” dentro da sala de professores e espaços formativos, é necessário reconciliar o valor da aprendizagem do outro, a troca de saberes contribui de maneira imensa para a constituição docente do outro, seja ele em formação inicial ou continuada. Somos todos sujeitos em que estamos ou deveríamos estar em constante processo de aprendizagem, “A troca educativa não é, então, a monológica imposição de ideias [...], mas sim a reconstrução polifônica dos que estão envolvidos na situação, mediante o intercâmbio de narrativas” (BOLÍVAR, 2002, p.113).

Para Becker e Marques (2007):

A docência atual deve poder contar com professores que contextualizam o que ensinam por força de sua atividade investigadora; que sejam capazes de

refletir sobre as múltiplas formas pelas quais os alunos assimilam os conhecimentos que ensinam. [...]. Aquele professor que não apenas ensina, mas reflete sobre os resultados de suas ações didáticas- pedagógicas [...] possui um retorno, verdadeiro feedback que faz sobre seu próprio ensino. (p.18).

A troca consiste, exatamente em recriar significados para determinadas situações que acontecem dentro dos espaços educativos, como instigar e criar questionamentos sobre seus saberes, (re)visitar sua metodologia e visitar a do outro, estabelecer novos fazeres docentes, criar conexões que possam abranger o que se conhece com o que o outro viveu e assim construir novos caminhos na formação docente, qual se possa valorizar de fato a experiência do outro, fazendo com que vire prática a troca de saberes. Possibilitando o momento de escuta, fala e reflexão, momentos que se fazem importantes dentro de um grupo de educadores em que todos possuem ao menos um objetivo em comum que envolve diretamente o discente e as possibilidades de futuro que se almeja para a educação.

3.4 A Reflexão no Memorial Formativo

“[...] quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de por que estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me.” (Paulo Freire).

Como educadores é importante entender o papel da reflexão como prática presente no processo docente e as implicações que permeiam essa prática, se realizada. Ao praticarmos a reflexão e tornar-nos reflexivos, passamos a ter domínio e conhecimento das ações que permeiam o cotidiano escolar e, com isso, a voz para decisões pode retornar ao professor.

“A luta por falar, ter voz, começa quando uma pessoa tenta comunicar sentido à outra. [...], e a relação do indivíduo com o outro, uma vez que a compreensão é um processo social que implica transformação” (BOLZAN, 2002, p.75).

Há uma necessidade de aprender a ser um professor reflexivo, para sermos então “Um pesquisador da sua própria sala de aula, deixando de seguir cegamente as prescrições impostas” (BOLZAN, 2002, p.17). Ao falar sobre reflexão docente no Memorial Formativo, faço referência a uma prática pouco explorada. Pois refiro-me a “refletir sobre os processos de leitura e de escrita quando desenvolvidos dentro de um espaço de formação” (CHALUH,

2007, p.187), ou seja, utilizar a escrita como suporte para reflexão e escrever pensando que alguém irá ler e que esse material produzido pode interferir na formação de outros sujeitos educadores, na perspectiva de “valorizar a importância do registro escrito como instrumento para a própria reflexão tanto como para a reflexão do outro” (CHALUH, 2007, p.188).

Precisamos pensar em outros caminhos para a formação docente, portanto assumir a importância da reflexão dentro do processo formativo de professores é também assumir responsabilidades a partir do que já foi feito. “É evidente que o adulto tem que construir a sua própria formação com base num balanço de vida (perspectiva retrospectiva) e não apenas numa óptica de desenvolvimento futuro.” (NÓVOA,1988, p.115).

Um professor reflexivo busca entender na sua experiência o sentido das suas práticas, procura caminhos alternativos para uma nova tentativa de algo que não deu certo, a reflexão é um compromisso que o educador assume com a profissão, com isso, seus colegas professores e seus educandos. Pois quando se reflete, deseja-se encontrar pontos que auxiliem na melhoria de suas ações, Bolívar (2002) escreveu que refletir a partir da escrita, no caso do Memorial uma autobiografia, possui também como potencial justificar-se sobre da sua prática docente, entender porque se exerceu a docência de determinada forma, permitindo então, melhorar sua prática profissional.

A reflexão pode servir como registro para posterior avaliação e mudanças em planejamentos, mas também, e para mim, principalmente, como uma nova oportunidade de se fazer docente, possibilitando a (re)construção de novos conhecimentos a partir dos erros e acertos da sua própria prática. “Ao avaliar as ações passadas, pode-se melhorar as futuras. Faz-nos refletir se a maneira que temos ensinado é realmente a melhor. E acaba nos desafiando a fazer melhor, ou, pelo menos, fazermos algo diferente” (SILVA, 2014, p.114).

O professor que registra suas reflexões assume o compromisso de melhorar seu desempenho e tornar visíveis suas ações, compartilhando seus saberes e questionamentos com o leitor. Possibilitando que outros educadores usem sua experiência como exemplo para mudanças. Com a escrita dos Memoriais Formativos, podemos reconhecer a importância desse instrumento para a reflexão docente. Ser professor é refletir sobre as nuances que teceram sua formação docente, sempre buscando refazer-se. A partir da reflexão, pode-se enxergar com mais clareza e consciência o que é ser professor.

A leitura dos Memoriais Formativos classifica-se como uma leitura diferenciada e de grande importância acadêmica, pensando que: “[...]ouvir as narrativas das histórias que compõem a vida dos docentes é oportunizar momentos de reflexão, descortinando alternativas que podem ajudar na sua formação e na de outros professores”(MORAES, 2004, p.5), o leitor, ao entender como a formação do outro pode acontecer, começa a levantar questionamentos sobre sua própria trajetória de vida, desafios e vitórias que encontrou no meio de sua trajetória, com isso, o leitor revive e reflete sua formação. O educador possui um grande compromisso com a sociedade, portanto é relevante considerar a avaliação a análises das suas práticas pedagógicas, sendo que, o aluno deposita sua confiança nas ações do professor. Portanto, a reflexão sobre a metodologia deve fazer parte do processo de avaliação, seja por registro em diário de campo, reuniões da escola ou outros mecanismos que fazem parte do processo formativo dentro ou fora das escolas. Fujikawa (2007), a partir da sua experiência, afirma que a escrita reflexiva sobre sua prática possibilita um distanciamento necessário para se pensar sobre o praticado. Penso que refletir é um trabalho de revisão da sua prática, a reflexão docente, trata-se de revisitar suas ações, suas crenças, seus conhecimentos e então, a partir disso, criar possibilidades para o novo ou para refazer o velho, nunca desvalorizando o utilizado e sim melhorando, re-organizando e re-direcionando suas práticas.

4. CAMINHOS DA PESQUISA

Nesta seção apresentarei o caminho da pesquisa qualitativa no que diz respeito à análise de documentos selecionados, assim como a entrevista coletiva, mostrando, portanto, a metodologia que orientou a estruturação do trabalho que foi desenvolvido a partir desse planejamento de pesquisa.

Essa pesquisa se classifica como qualitativa. Para Minayo (2003), esta pesquisa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (p.22). Portanto, a pesquisa qualitativa preocupa-se com a interpretação dos dados e a origem dos mesmos.

Ressalto que, dentro dos objetivos desta seção, um deles será o de compreender como ocorreu a seleção dos autores- educadores dos Memoriais Formativos, assim como qual o recurso utilizado para conhecer seus escritos e quem são esses professores em formação continuada. Momento relevante para a pesquisa, sobretudo, para a construção do material empírico.

4.1 Trilhando o caminho para a pesquisa, sobre análise documental.

A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p. 32).

O material de análise é composto por duas produções de extrema importância para o desenvolvimento da pesquisa, trata-se de materiais que contém histórias de professores da EJA em formação continuada. Refiro-me aqui como documentos analisados o Blog “Memórias e Histórias de Vida”, do professor Rafael Arenhaldt, mediador dos estudos desse grupo docente de professores. Esse mecanismo virtual compartilha vários escritos dos Memoriais Formativos de autores- educadores. Assim como o Livro analisado “Memórias e Afetos na Formação de Professores”, qual também possui como matéria os Memoriais Formativos que foram solicitados no PROEJA pelos professores ministrantes do Programa. Os Memoriais Formativos trazem no seu interior elementos importantes da história de vida de

cada professor que possa ter contribuído para a docência, narradas então de forma pessoal e significativa para cada sujeito. Entende-se como Memoriais Formativos:

Os Memoriais Formativos são importantes ferramentas-fontes para o retrospecto das ações vividas, tomada de consciência das experiências e lições que cada um retira do que viveu/está vivendo. Permitem ainda, uma oportunidade de percepção de que são possuidores de conhecimento e que podem contribuir para a compreensão e aperfeiçoamento do processo de ensino e aprendizagem. (BAIER, ARENHALDT, 2010, p.190.)

Após o relato explicativo sobre os Memoriais Formativos em orientação de TCC pelo professor Rafael Arenhaldt, meu interesse como pesquisadora por essa temática começou a surgir, e então, a partir desse momento, pesquisas sobre o assunto, leituras, troca de informações e, finalmente, a leitura dos Memoriais Formativos. Foram realizadas inúmeras leituras através do Blog que tem como objetivo visibilizar as histórias e as memórias dos sujeitos docentes da educação. O Blog possui como intencionalidade, também, promover esses escritos visando uma maior valorização das experiências dos educadores. Assim como a leitura do Livro, que assim como o Blog, visa uma maior divulgação desse material produzido pelos docentes, porém, através das produções realizadas no PROEJA, contudo a importância de promover a escrita e a leitura das histórias de vida desses sujeitos em formação continuada, que narram sua trajetória de vida, docente e profissional.

Baier e Arenhaldt (2010), destacam que:

Existe um olhar/leitura sensível para captar os modelos de matriciamentos descritos pelas contadoras de histórias de si, pois se encontra uma pluralidade de caminhos e significados para a história de vida de cada uma delas, gerados entre os saberes que cada uma já possui e as informações recebidas em todos os processos de formação. (p.198).

Após leituras e admiração pela escrita e coragem de cada autor em que conseguem levar o leitor a entender cada passo de sua trajetória, identificar-se com algum momento vivido pelo autor, emocionar-se com alguns relatos tão íntimos. Esses sujeitos conseguiram atingir o objetivo de relatar suas histórias de vida articulando com a docência e assim enchendo os olhos dos leitores de emoção.

4.2 Sobre os autores-educadores

Como pesquisadora, fez-se necessário escolher quais seriam os autores-educadores a participar da entrevista coletiva. Gostaríamos que todos os autores dos Memoriais Formativos

do PROEJA, tivessem a oportunidade de participar desse momento de reencontro com seus escritos, porém não se fez possível pelo tempo curto para essa pesquisa. Então, buscando uma maneira de como selecionar os autores, pensamos que todos os escritores do Livro encontrassem também no Blog. Entendemos que esse critério para seleção seria o mais conveniente visando à facilidade de encontrarmos todos os Memoriais concentrados em um recurso apenas.

Desse modo optamos em convidar todos os quatorze autores- educadores do Livro via e-mail ou rede social Facebook. Após quatro confirmações de presença e três de não comparecimento, reenviamos os e-mails para o restante dos sete docentes que não deram retorno, com o objetivo de reforçar o convite, ao permanecermos sem resposta, optamos por realizar a entrevista coletiva com o grupo de quatro autores- educadores.¹

4.3 Sobre a entrevista coletiva

A entrevista coletiva foi marcada com antecedência com os autores-educadores visando uma melhor organização do tempo dos entrevistados. O convite foi realizado via e-mail individualmente ou via Rede Social para aqueles que o e-mail não correspondia como correto. Agendamos com os autores para a quarta-feira do dia 24 de maio de 2017, às 19 horas. O encontro foi agendado para acontecer na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul na sala 715, porém após confirmação dos sujeitos entrevistados, modificamos o local para a sala 808, pois a mesma suporta um pequeno grupo. Consideramos horário e local pertinente, já que todos conhecem a FACED e o horário da noite seria o mais acessível pensando na rotina dos autores. O Roteiro para realização da

¹ Professores entrevistados:

Ceres Labrea Ferreira - Professora aposentada após 28 anos de atuação. Seu último trabalho como docente na rede Estadual do Rio Grande do Sul na Fundação de Atendimento Sócio- Educativo (FASE).

Evelise Neumann Passos - Atualmente está fora da sala de aula, atuando então na Secretária da Escola na rede Municipal de Porto Alegre, em exercício da docência há 25 anos.

Jorge Fortuna Rial - Professor há 17 anos. Atua na Rede Estadual do Rio Grande do Sul em uma Escola Técnica em que trabalha designer de interiores com seus educandos.

Josiane Coelho dos Passos - Reside e trabalha na Rede Municipal de Sapucaia do Sul, Região Metropolitana de Porto Alegre. Professora há 19 anos.

entrevista semiestruturada está localizado no Apêndice 2. Essa entrevista coletiva produziu 90 minutos de gravação.

A entrevista coletiva é um momento em que os sujeitos entrevistados interagem uns com os outros sobre determinada temática sugerida pelo pesquisador. Para Kaufman (2003), “É uma técnica qualitativa, não-diretiva, cujo resultado visa o controle da discussão de um grupo de pessoas.” (p.3). Então visa oportunizar que a discussão gera dados que contribuam para a pesquisa, mas não consiste em ter perguntas formato questionário, pois a ideia é que novos questionamentos possam surgir. O momento de entrevista aconteceu com 4 entrevistados e dois pesquisadores. O grupo acabou por se tornar pequeno, porém muito qualificado. Com um número menor de sujeitos, tornou-se possível que o pesquisador cuidadosamente estivesse ainda mais atento às informações fornecidas, buscando que a discussão pudesse “[...] revelar experiências, sentimentos, percepções, preferências.” (KAUFMAN, 2003, p.4).

Destaco a importância de o pesquisador preparar-se para esse momento de entrevista, pois é relevante ouvir atenciosamente os dados fornecidos, assim como preparar-se para que essa escuta seja sensível. O pesquisador, chamado como *moderador* por Kaufman (2003), possui como importante tarefa “promover a participação de todos, evitar a dispersão dos objetivos da discussão e a monopolização de alguns participantes sobre outros.” (p.4). Sendo assim, previamente as leituras dos Memoriais Formativos dos autores-educadores aconteceram e atentamente foram destacados pontos que possuíam um diferencial na trajetória pessoal e profissional de cada docente.

Para muitos pesquisadores o momento de entrevista pode ser “mais uma entrevista” pela sua vasta experiência, mas para esse trabalho, a entrevista coletiva, tornou-se “a entrevista”, em que a preparação para esse momento foi realizada com muita leitura e compreensão sobre a relevância que esses dados possuem para o encaminhamento da pesquisa. Porém tal preparação não garantiu que, momentos de insegurança estivessem presentes na elaboração do Roteiro da entrevista, assim como na realização da mesma, entretanto nada que tenha atrapalhado o desenvolvimento do trabalho. Destaco a importância das palavras de sensibilidade, compreensão, conforto e experiência como: “É pura intensidade, só emoção.”, ditas dias antes da entrevista pelo meu orientador Rafael Arenhaldt.

Entendi a importância que esse momento possui para os entrevistados e para os pesquisadores, ainda mais que nossa pesquisa com os docentes traz em suas entrelinhas a história de vida de cada sujeito, com isso os sentimentos de fato, dominam o espaço.

5. CONHECENDO O GRUPO, DESCOBRINDO NOVOS SABERES.

Nesta seção apresentarei como ocorreu a entrevista coletiva com o grupo de autores-educadores, assim como as análises sobre esse momento, qual buscarei realizar uma conversa com o Memorial Formativo dos autores, suas falas da entrevista e embasamento teórico. Possibilitando a valorização das experiências do outro, assim como afirma Moraes (2004): “a utilização das histórias de vida ou do método biográfico integra uma linha inovadora de estudos que têm favorecido a busca de uma nova epistemologia de formação.” (p.2).

Então busquei durante a entrevista seguir o Roteiro (apêndice 2) elaborado previamente, o qual possui um cunho investigativo, para que fosse possível entender como a escrita reflexiva presente nos Memoriais Formativos dos professores, contribuíram ou contribuem na formação e na constituição docente dos mesmos. Esse espaço de conversa possuía o objetivo de promover momentos de reflexão com os educadores, autoavaliação e (re)encontro com seus pares, a fim de demonstrar a possibilidade da formação profissional acontecer em contato e conversação com o outro, assim como aconteceu em uma roda de chimarrão. Esse momento vivido por nós, para Moraes (2004), “reconstrói sua experiência de forma reflexiva e, com isso, acaba fazendo uma autoanálise que lhe pode proporcionar novas bases de compreensão de sua própria prática” (p.2).

O Roteiro de entrevista realizado com a presença do professor orientador Rafael Arenhaltdt, foi organizado em dois blocos. O bloco 1, composto por questões com foco no sujeito/professor e o bloco 2, contendo perguntas sobre o Memorial Formativo que os docentes elaboraram há aproximadamente 10 anos atrás. Desenvolvi a organização do capítulo destacando pontos importantes da conversa reflexiva com os professores, assim como assuntos importantes e de meu interesse a serem estudados.

Durante o momento de entrevista, os professores entrevistados destacaram a alegria em receber o convite para esse momento de interação profissional. Demonstraram-se confiantes e tranquilos para responder a todos questionamentos realizados, o que tornou o ambiente muito agradável para desenvolver a pesquisa. Com isso, fica meu agradecimento pela disponibilidade dos sujeitos docentes, assim como admiração pela história que cada um carrega consigo.

5.1 Sobre as trajetórias de vida: quem são os autores-educadores?

As perguntas do primeiro bloco provocavam os professores a refletirem sobre si. Esse momento de entrevista procurou promover uma aproximação entre entrevistados e pesquisadores, a fim de que fosse possível se estabelecer uma relação em que houvesse conforto suficiente para que pudéssemos entender a essência de cada professor, a pessoa que é e como o próprio sujeito entende ser dentro da profissão, assim como refletir sobre os compromissos como educador da EJA.

Os depoimentos estavam carregados de certezas sobre o que dizer sobre o cenário educacional e sobre os professores que são. Uma riqueza de aprendizagens. Percebemos na fala de cada sujeito momentos carregados de sonhos, indignações, lembranças e criticidade que envolvem momentos intensos da docência.

Buscamos dar ênfase nesse momento da entrevista as vivências e aprendizagens de cada um, destacando principalmente como os sujeitos se enxergam pessoas e docentes. Quisemos saber como suas ações pessoais estão presentes em sala de aula e influenciam no professor que são. Busquei conhecer quem são esses sujeitos que falam com propriedade e paixão sobre a educação em seus Memoriais Formativos. Portanto, apresento brevemente a trajetória de cada sujeito para que seja possível entender um pouco do caminho trilhado por esses educadores.

5.1.1 Jorge Fortuna Rial

Para Jorge, ser professor é descobrir a todo o momento um novo “eu”, acreditar que as mudanças acontecem e que elas são importantes. “É verdade que sou mais professor do que antes, mas também é verdade que ser professor talvez seja a passagem para ser alguma outra coisa” (RIAL, 2010, p. 64). Na fala durante a entrevista percebemos um tom de satisfação em ter se tornado o educador que sonhava ser, uma grande satisfação para qualquer profissional que busca o seu melhor dentro do seu campo profissional: “Então, o Jorge, ele é um professor em uma Escola Técnica que continua sendo um professor do Estado, posso dizer que eu encontrei aquilo que eu almejava como profissional” (Professor Jorge, entrevista, 2017).

Ao lermos o Memorial de Jorge percebemos sua vasta experiência como educador e ser humano, que vivenciou vários momentos de intensidade em sua vida, o que lhe permite

fazer a afirmação em que ressalta a satisfação do profissional/pessoa que é hoje. O professor começa sua narrativa contando sobre seu nascimento e sobre sua ansiedade por descobrir o mundo, para então trilhar sua trajetória profissional.

Minhas travessuras de criança mais nova, quinto bebê da família, manias da puberdade, rebeldias da adolescência, erros de adulto, foram relevados pela justificativa do parto complicado. Com o passar do tempo, outros partos - os emocionais - seguiram-se, transformando os erros em experiências de vida. (RIAL, 2010, p.62).

Jorge frequentou o Colégio Militar, mas ainda adolescente, 16 anos, afastou-se dessa escola. Sua primeira faculdade foi Arquitetura (1986), porém aos 3 meses finais da formatura, o professor decide por não concluir a graduação. Nesse momento, ele se aventura viajando pelo Brasil e até para fora do país. Em 1989, retorna ao Brasil e em 1995 ingressa na UFRGS para cursar Artes Visuais. “Encontrei abrigo na teoria da arte para sublimar meus recalques. E percebo que, até para o vazio existencial, existe sentido.” (RIAL, 2010, p.62). Jorge refere-se ao seu momento dentro do curso de Artes Visuais como uma época de organizar sua vida. Em 2000 o professor concluiu sua graduação. Junto ao recebimento do diploma o cercava a indecisão de o que fazer a partir daquele momento. Conseguiu seu primeiro emprego, saiu do mesmo e então arranhou outro em seguida, no qual trabalhava há 8 anos com Jovens e Adultos quando escreveu seu Memorial. “Sou um fenômeno denominado “docente táxi”, ou seja, “um professor que se vê obrigado a trabalhar em várias instituições e cruzar a cidade para trabalhar.””. (RIAL, 2010, p.63). E assim, na correria do dia a dia, Jorge fez sua Especialização no PROEJA (2007), qual lhe permitiu entender e conhecer ainda mais sobre o fazer docente.

O ser humano é incompleto em sabedoria porque para que o seu saber possa existir, ele necessita do outro ser humano que o complete. Por isso a importância do diálogo na educação, que não transmite simplesmente o saber, mas que o materializa em mais saber. (RIAL, 2010, p.63).

Ser professor para Jorge, assim como para esse grupo o qual entrevistei, faz parte de um exercício diário de aprender, estar e mostrar-se disponível para o diálogo, entender que a troca com o outro pode ser uma chave para a mudança, portanto a valorização desse momento, pois ninguém aprende nada sozinho.

5.1.2 Evelise Neumann Passos

No Memorial Formativo de Evelise, percebe-se a professora apaixonada pela educação. Essa paixão transparece em suas palavras, nos questionamentos recheados de amor, na sua participação em atos políticos desde muito cedo a fim de garantir os direitos para o aluno e a classe trabalhadora do magistério, o que acabou por lhe causar alguns contratemplos, mas nota-se que a mesma não se arrepende de demonstrar em sala de aula quem de fato ela é fora da mesma. Para Nóvoa, “o professor é a pessoa, e a pessoa é o professor” (2006, p.6). Evelise e Nóvoa parecem concordar quando a professora diz que:

Em todas elas aconteceu a mesma coisa: em sala de aula eu era adorada pelos alunos e também pelos pais, a direção reconhecia meu domínio de conteúdos e minha didática, mas depois de algumas reuniões administrativas e/ou pedagógicas eu passava a ser mal vista por meus posicionamentos [...] Como não podia ser eu mesma e não conseguia ser diferente, acabei sendo sempre demitida (NEUMANN, 2010, p.41).

Evelise começou sua carreira docente ainda criança atrás da cômoda de sua mãe, onde suas alunas eram bonecas. Suas memórias da escola possuem uma participação familiar muito importante, recorda-se de seu irmão mais velho e sua difícil adaptação, sua experiência como aluna do Jardim A, qual com muito carinho menciona sua primeira professora, recorda-se de atividades e de momentos significativos desse primeiro contato com esse mundão escolar.

No final do ano de 1988 chegou a hora de pensar no segundo grau. Embora possa parecer piegas, atribuo a minha escolha pelo Magistério a uma boa dose de destino (sabe quando parece que nascemos para aquilo?) aliada à expectativa da minha mãe, como forma de realizar um sonho seu que não aconteceu. Ela queria ter sido professora, mas seu destino assim não o quis. (NEUMANN, 2010, p.40).

O destino de Evelise então trilhava o caminho do magistério e o sonho de ser professora que nasceu aos dois anos de idade, atrás da cômoda de sua mãe estava se tornando realidade. Em 1988, no Instituto de Educação General Flores da Cunha, a educadora iniciou seus estudos como professora. Participou de Grêmios Estudantis, onde descobriu a criticidade, o poder da reflexão, a valorização da participação, assim como a importância do público e da luta pelos direitos e deveres. “Esse foi um grande passo na minha trajetória pessoal e que não consigo dissociar de minha prática pedagógica.” (NEUMANN, 2010, p.40).

Como recreacionista, trabalhou cinco anos em uma creche. Após dois anos formada começou a trabalhar em uma escola particular e durante um período de seis anos passou por três escolas. Em 1999 ingressou na UFRGS para cursar Licenciatura em Letras. Por lá, passou cinco anos de muitas aprendizagens. No ano de 2002 foi nomeada professora do Estado do Rio Grande do Sul. Assumiu uma turma de 2ª série na Vila Cruzeiro. Para a educadora, um dos maiores desafios, começando pelo contraste da realidade de escola particular X escola pública. Outro desafio era fazer com que aqueles alunos sentissem vontade em estar em sala de aula, em aprender e entender a importância daquele espaço. Foi um momento de descobertas para Evelise, nesse período envolveu-se muito com as comissões organizadoras da escola. Ao final do segundo ano na escola foi convidada a ser vice- diretora, mesmo que por questões burocráticas não tenha sido possível, foi um retorno rápido de seu esforço e comprometimento dentro do espaço escolar. Por motivos pessoais, acabou trocando de escola, aproximadamente um ano e meio após estar nessa escola como professora, assumiu o cargo como vice- diretora. Após um tempo, novamente Evelise viu necessidade em mudar de escola, dessa vez um desafio ainda maior:

Em agosto assumi como professora de Língua Portuguesa na Escola Estadual de Ensino Fundamental Tom Jobim. Era realmente uma experiência diferente e desafiadora, pois até então, só havia trabalhado com séries iniciais e a partir daí eu trabalharia com alunos de 5ª a 8ª na modalidade EJA, internos da FASE. (NEUMANN, 2010, p.44).

Assim, ao longo do período e suas experiências, Evelise foi formando-se professora. Sabemos que a Educação de Jovens e Adultos é diferente, é uma modalidade de Educação que há espaço/tempo para se viver diferentes currículos, numa proposta em que cada sujeito responda ao seu nível, portanto a individualidade do aluno é algo que precisa ser muito respeitado, assim como entender o contexto de cada um é essencial para que a aprendizagem seja significativa. Portanto, é possível imaginar tamanho desafio em que Evelise presenciou, trabalhar com Jovens e Adultos (novidade para ela) e ainda resistentes ao aprender devido a situação em que cada um se fazia presente. Porém, mais um desafio vencido e com direito a vice- direção após dois meses de trabalho na escola.

Na Tom Jobim cada dia deve ser visto como uma conquista e uma reconquista, devido à resistência dos alunos durante as aulas. A cada dia nossas certezas a respeito da educação devem ser reforçadas para que possamos passá-las aos alunos. É como uma plantação: devemos plantar,

regar as plantas diariamente na medida certa e admirar seu crescimento mesmo que aos pouquinhos.

Em 2007 começa sua especialização no PROEJA, oportunidade de qualificar sua prática pedagógica e, conseqüentemente, tornar seu trabalho cada vez melhor para seus alunos. Ao ler o Memorial de Evelise, percebemos o quão longa é sua trajetória como educadora. Que em sala de aula sempre conseguiu atingir objetivos e conquistar com seu trabalho méritos pessoais que respingavam no cenário educacional. Durante a entrevista, Evelise conta que atualmente não está mais trabalhando em sala de aula e sim na secretaria da escola, exercendo um papel na gestão, trabalho no qual ela gosta, porém disse: “mas eu sinto falta de estar em sala de aula, eu acho que a sala de aula é o melhor lugar para se estar dentro da escola” (Professora Evelise, entrevista, 2017). Sem dúvida, o cenário fundante da docência é a sala de aula, atuando com o aluno e seus questionamentos, fazendo o sujeito exercitar o pensamento e possibilitando ao estudante caminhos que o mesmo pode optar seguir, ajudando na construção de uma sociedade mais justa para todos, porém Evelise também exerce um importante papel trabalhando na secretaria da escola resolvendo assuntos que envolvem a gestão da escola. Podendo contribuir para construção e desenvolvimento de uma escola democrática, crítica e socialmente referenciada.

5.1.3 Ceres Labrea Ferreira

O “Mosaico de Com-Vivências educacionais” em que Ceres faz referência no seu título do Memorial, significa como cada pequeno pedaço de sua trajetória como criança, adolescente e educadora contribuíram para formar a professora que ela é atualmente. Ceres foi uma criança e adolescente que conviveu e experimentou muito a natureza, e essa vivência possui um grande significado nas suas lembranças.

Em 1979 iniciou o Magistério em uma Instituição na cidade de São Luiz Gonzaga, por lá permaneceu durante três anos e meio e saiu de lá com seu diploma de educadora e a certeza das mudanças que poderia causar na vida dos sujeitos. Seu primeiro emprego como professora foi em uma escola particular. Posteriormente, trabalhou em uma escola municipal com crianças de 2ª série, turma que carregava em seus ombros a estigma de fracassada. Seu interesse por essa turma e por aqueles sujeitos surgiu com a intenção de fazê-los querer aprender novamente, ter interesse e objetivos. Foi um de seus desafios da carreira, entender

tamanha desigualdade entre ensino particular e público. Por objetivos pessoais, Ceres tinha o desejo de sair da cidade em que morava e buscar novos caminhos e possibilidades. Foi então, quando começou a cursar Educação Física na Universidade do Rio dos Sinos, em 1986. Ceres conta que por motivos contratuais nunca trabalhou efetivamente como professora de Educação Física, porém fazia com que suas aulas a corporeidade estivesse presente, sabendo a importância desse ensino para os discentes. Novamente um desafio surge na vida de Ceres: trabalhar com Jovens e Adultos em uma escola estadual. Foi um novo encontro para ela. Como era uma novidade em sua vida, junto a algumas certezas que ela possuía, também surgiram muitos questionamentos de como atender um público tão heterogêneo, bem diferente daquela sua primeira experiência como educadora em escola particular, “Quem são e de onde vêm os meus alunos? Como se sentem nesse espaço? Por que estão sempre tão calados? Temos um currículo que dá conta dessa diversidade que encontro na sala de aula? O que eles esperam dessas aulas?” (FERREIRA 2010, p.55). Foi então que sua sensibilidade e humildade a auxiliaram a entender as particularidades daquela turma e juntos conseguiram desenvolver aprendizagens significativas para o grupo. O vínculo com a turma aconteceu no trabalho diário e ao final, sua gratificação:

A gratificação foi intensa e ampliada quando recebi de presente de aniversário um cartão com o seguinte texto: “Você entrou de pijama cor-de-rosa dentro do nosso coração!”. Para mim, ali estava a confirmação de que o contato havia acontecido.” (FERREIRA, 2010, p.56).

No ano de 1999 Ceres começou a trabalhar com uma turma de educação infantil, grupo no qual havia uma criança de inclusão. Para a educadora, um novo desafio. Nesse mesmo período ela estava participando de uma especialização em Teoria e Prática Pós-Constructivista das aprendizagens escolares. Esses estudos a ajudaram a entender como atender com qualidade esse aluno que necessitava estar em sala de aula e merecia uma educação de qualidade. Portanto foi nos estudos e nos seus desafios pessoais como profissional, com tentativas equívocas e certas, que Ceres compreendeu e conseguiu realizar a inclusão em sua turma.

Um grande momento de sua carreira, assim como para Evelise, foi seu trabalho na escola Tom Jobim, qual pertencia a FASE. Trabalhar com esse público, que tinha até seus materiais escolares supervisionados, foi uma grande experiência como ser humano para a vida dessa educadora. Foi em uma turma completamente marcada pela exclusão social, que

com o afeto de Ceres cumpriu seus objetivos como educadora e mulher. Acreditar que seu fazer docente poderia atingir de alguma forma aqueles sujeitos, que assim como ela acreditava nela e neles, era necessário essa reafirmação para aqueles sujeitos de que era possível.

Sabemos que professores dedicados, como os nossos autores, não querem deixar com que ações políticas exterminem conquistas que eles mesmos presenciaram acontecer e batalharam para que existam atualmente, porém, em alguns casos, é preciso pensar também nos seus direitos e nos seus futuros. Por conta disso a professora Ceres se aposentou quando ainda se sentia com muita vontade de estar atuando na educação diretamente:

Bem, essa pergunta cai como um divisor, porque eu como professora que me aposentei há três meses e me aposentei por pressão, por medo - literalmente - da situação econômica e por que gente está nesse momento do Brasil. Então eu me aposentei com dor assim, né? [emocionada]. É até difícil de falar. Porque ao mesmo tempo assim, eu sinto muita, mas muita falta, mesmo de estar lá, do exercício, de exercer a profissão, de estar lá, porque eu sei que eu tenho pique ainda né, tenho vontade, tenho muito amor né, pelos educandos. (Professora Ceres, entrevista, 2017).

Demonstrando-se emocionada que Ceres realiza esse desabafo, mostrando a perda profissional de uma excelente professora dentro da escola, que com toda razão, precisou optar entre seguir sua carreira dentro da sala de aula e, talvez, de acordo com decisões políticas, perder muitos de seus direitos garantidos durante uma vida de trabalho, ou se aposentar e sentir um vazio de não poder mais estar exercendo a sua profissão, sentimento que há 10 anos se fazia presente na sua escrita do Memorial, tempo em que o cenário educacional também passava por momentos de insegurança:

Esse garimpar na minha trajetória educacional e profissional, o compartilhar experiências, o repensar (com ideias e imagens) de fatos significativos é marcado pela curiosidade, paixão e sensibilidade no ato de educar. De uma maneira geral, mas suficientemente próxima, este memorial me conduz ao desafio de um novo conviver com meu processo formativo/educativo [...] na ressignificação de minha docência em tempos de exigências de uma nova postura frente à realidade educacional. (FERREIRA, 2010, p.47).

Evidentemente, percebemos o incômodo de Ceres nos dois depoimentos, tanto de 10 anos atrás, como no realizado na entrevista. É importante destacar que essa professora, assim como os outros entrevistados, assumiu um grande compromisso com sua profissão e com tudo e todos que envolvem a docência. Destaco mais uma vez a admiração por essa professora envolvida com a educação, preocupada com os caminhos políticos que podem ser decisivos

para um novo tempo nebuloso dentro da escola. Trata-se de uma profissional comprometida e apaixonada pela educação. Certamente esse grupo de professores o qual entrevistei possui uma adjetivação feita pela professora Evelise: “diferenciados”. Que sim, se atribui perfeitamente a quem são, diferenciados porque acreditam na aprendizagem com o outro, acreditam na mudança e se comprometeram com a profissão em que escolheram exercer.

5.1.4 Josiane Coelho dos Passos

Desde criança Josiane já sonhava em ser professora. Recorda que a profissão era admirada e respeitada por todos na época. Em seu Memorial, narra sua história com recordações da infância, relata sua entrada na escola, suas frustrações e alegrias daquele período. A narrativa de Josiane é uma espécie de leitura para sua filha, que na época da escrita possuía aproximadamente 4 anos de idade. Essa escolha deu-se por Josiane achar que, por trabalhar muito, poderia estar “pecando” com sua filha, portanto é uma maneira de justificar suas escolhas para sua amada.

Ao concluir o ensino médio Josiane já tinha certeza sobre o Magistério, em Setembro de 1997, Josiane recebeu seu diploma de professora. Porém, ao concluir essa etapa da sua trajetória profissional, passou por uma experiência negativa trabalhando em uma loja de sapatos, como caixa. A educadora relata que sua frustração em não estar atuando na sua área era muito grande. Até que houve a abertura de um concurso público do Município de Sapucaia do Sul, Josiane então toma posse em 1998. A educadora alfabetizava crianças no turno da manhã e a noite trabalhava na secretaria do Supletivo. Até que em 2002 o Supletivo fechou. O próximo passo na vida de Josiane foi a Universidade, em 1998 ingressou na Unisinos em Licenciatura em Pedagogia. Mas, com o tempo, percebeu que não era a graduação que estava buscando. Então se desvinculou da Pedagogia e foi para Letras Português- Inglês. Porém por contratempos da vida e exigências curriculares, Josiane não estava conseguindo conciliar os estudos do Inglês, por isso em 2004 migrou para Letras Português- Literatura.

Então, em 2004, Josiane descobre a maternidade, motivo que a inspira a lutar todos os dias por um mundo melhor. No mesmo ano, a professora começa a trabalhar com jovens e adultos lecionando as disciplinas de Inglês e Português. Em 2005 começa a trabalhar com

informática educativa na Educação Infantil até a 8ª série do Ensino Fundamental da EJA. No ano de 2006 Josiane conquista seu diploma, e sua amada filha estava na plateia a prestigiando.

No final do ano de 2006, fiz concurso em Sapucaia do Sul para professora de Língua Portuguesa. No início do ano letivo de 2008, fui nomeada para mais 20 horas semanais. Portanto, estou lecionando 60 horas semanais nas disciplinas: Português, Informática Educativa e Educação Artística para o Ensino Fundamental Regular e EJA. (PASSOS, 2010, p.132).

Aqui então, uma breve apresentação da trajetória da mulher, mãe, guerreira e educadora Josiane, qual em todas suas falas deixam evidente, a professora que é em sala de aula, que não se desvincula da mulher fora da mesma. A mãezona que procura sempre ouvir seus alunos, procurando conquistar a confiança desses sujeitos, não preocupa-se em parar a aula e acolher em seu abraço ou com palavras confortantes quem esteja precisando dessa atenção diferenciada. Sente que a EJA precisa muito desse apoio do professor, pois entende o contexto em que cada sujeito está inserido e as dificuldades que o mesmo enfrenta na sociedade. Buscando em suas ações estar sempre de acordo com o que escreve, para Josiane é preciso: “Orienta-se que uma prática pedagógica de qualidade parte da realidade na qual o aluno vive e trabalha, o que se reflete com maior intensidade e recorrência na EJA” (PASSOS, 2010, p.133).

Acredito que esses professores realizam o seu trabalho da melhor forma possível, reinventando-se com o que eles possuem disponível para oferecer o melhor ao aluno, afirmando-se docentes da rede pública do país e com isso assumindo e enfrentando os desafios postos, trabalhando sempre com respeito ao educando, com convicção nas suas ações e nas consequências que elas podem ter.

5.2 Pensando no Memorial Formativo.

O segundo bloco da entrevista constituiu-se de questões envolvendo diretamente o Memorial Formativo e as possibilidades que o mesmo possa ter agregado ou não na vida e na formação dos docentes. Com isso, visamos guiar as perguntas de forma que tais provocações se fizessem presentes no momento de reflexão. Optamos em fazer indagações que pudessem remeter ao momento de escrita do Memorial e possíveis desdobramentos na carreira que o Memorial Formativo tenha lhes possibilitado. Assim como propor que imaginassem como

seria a escrita hoje, considerando os professores que se tornaram desde então, quais mudanças, se necessárias, seriam essenciais.

Os educadores presentes na entrevista coletiva disseram que, ao receber o convite para entrevista, sentiram-se surpresos, pois não imaginavam que seus Memoriais seriam revisitados e explorados academicamente como tem sido feito neste trabalho.

As possibilidades de partilha de uma trajetória são ampliadas quando ela está registrada. Por isso foi possível compartilhar, dez anos depois, um relato escrito. Olhá-lo e outro tempo e de outro lugar. [...]. A escrita provoca uma outra forma de organização do pensamento. (ROSA, 2007, p.252).

A escrita tem o poder de atingir a muitos, em espaços e tempos diferentes. Os Memoriais Formativos proporcionaram aos escritores momentos de reflexão e autoavaliação sobre a docência. Mas também aos leitores foi possível viver momentos de observação daquele espaço que descreviam, interação com a leitura e o momento, e compreensão dos sentimentos expostos naquelas páginas. É possível dar visibilidade aos professores através da escrita dos Memoriais, promovendo uma valorização da escrita de professores da educação básica como elemento formador.

O curioso é perceber que os autores-educadores não faziam ideia do quão importante foi a escrita desse material. Ao perguntarmos se o Memorial Formativo havia causado algum impacto nas suas vidas, carreiras, etc.: “Se eu não tivesse lido agora, e tu tivesse me feito essa pergunta, talvez eu dissesse que não, não, com certeza não. Gente, eu adorei me ler. Talvez influencie daqui pra frente, talvez não. Talvez a partir de agora ele tenha mexido comigo, assim” (Professora Evelise, entrevista, 2017). A fala de Evelise faz pensar que o Memorial acaba por ser um instrumento avaliativo do momento da Especialização e não foi revisitado, porém durante a entrevista, ela realiza a leitura da sua obra e fica encantada por sua escrita, pelas informações significativas que estão presentes naquele material. Para Chaluh (2006), trata-se de um momento de valorização da própria história, uma nova reflexão sobre o que está posto, “Valorizar a importância do registro escrito como instrumento para a própria reflexão, tanto como para a reflexão do outro” (p.188). Evelise acrescenta em sua fala que não mudaria nada em seu Memorial se precisasse passar por essa escrita atualmente, pois o que está escrito é exatamente a professora que ela ainda é.

Além de considerar esse memorial autoavaliativo, acredito que ele acaba se tornando um instrumento confessional de meus sonhos. E por dedicá-lo a ti, minha filha, quero dizer-te que, ao contar a minha história, penso estar narrando fatos verídicos (PASSOS, 2010, p. 124).

A escrita do Memorial é livre, cada qual encontra à sua maneira como organizá-lo e escrevê-lo, porém a essência de ser autoavaliativo, reflexivo e possuir no seu interior o coração educador de cada sujeito precisa se fazer presente nesse material de formação. Todos os autores-educadores conseguiram contemplar o objetivo de transparecer em páginas suas vidas e momentos que contribuíram com os professores que são atualmente. Tanto é que revelaram que não mudariam nada se lhes fosse solicitado reescrever os Memoriais, talvez esteticamente fariam algumas alterações, com um pouco mais de maturidade e aporte teórico, porém a essência dos professores Jorge, Ceres, Josiane e Evelise, continuam como anunciada há 10 anos atrás.

“Parece banal, mas um professor é, antes de tudo, alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em transmitir esse saber a outros” (TARDIF, 2002, p.31). O Memorial Formativo tem exatamente esse objetivo: que os educadores escrevam o que sabem, o que viveram e então atingir a outros professores em formação inicial ou continuada suas vivências, suas experiências, sabores e dissabores da docência. Josiane recorda do orgulho para sua família a escrita do Memorial, fala de seu irmão que nunca havia lido um livro até ser publicado o que estaria contendo o escrito de sua irmã. Lembra daquele momento com muito carinho.

Paulo Freire reflete sobre a complexidade de escrever, o quanto você precisa refletir para que sua escrita diga aquilo que você de fato quer dizer, “O ato de escrever é mais complexo e mais demandante do que o de pensar sem escrever” (FREIRE, 2006, p.9). Jorge fala sobre a proposta do Memorial como uma escrita afetiva e acredita que, de fato, laços foram criados daquele período e justamente o movimento que estávamos fazendo naquele momento de conversa explicitava as consequências da escrita afetiva sobre si e da docência. Ceres fala que o exercício de escrita do Memorial foi de *acreditar em si*, que era possível escrever. E levou essa experiência de desafio para dentro da sala de aula e provocou os alunos a *acreditarem em si*, mostrava a eles com sua vivência a possibilidade de vencer os desafios e quão importante é escrever: “Falar sobre si, é importantíssimo, porque é a forma de você se ressignificar” (Professora Ceres, entrevista, 2017).

O Memorial desses professores foi significativo para esta pesquisa, podendo desenvolver a partir de seus escritos possibilidades de reflexão, autoavaliação e formação docente com esse material, valorizando a aprendizagem do outro e suas experiências. Cada professor está inserido em um contexto, em uma realidade, portanto compartilhar esse lugar com seus colegas de profissão torna-se enriquecedor para aqueles que acreditam no outro como crescimento pessoal e profissional. Aprendemos, entendemos e conhecemos com a história significativa que cada um carinhosamente registrou naquelas páginas.

5.3 O professor da Educação de Jovens e Adultos e seus compromissos

Educar no es tarea de improvisados. Es necesario disponer de una secuencia ordenada de pasos que habrán de echar luz sobre aquello que buscamos (NARADOWSKI, 1999, p.25).

Foi na sala de aula da EJA que entendi a grandeza de ser professora. Enxerguei na prática os estudos e conhecimentos adquiridos até aquele momento, olhei para o aluno e compreendi o motivo pela minha dedicação pela educação e nos avanços de cada sujeito, pude perceber o verdadeiro significado da frase: “vai valer a pena”.

Mas também na sala de aula pude perceber as diferenças significativas que há entre a modalidade de ensino da EJA em relação às outras. Não me refiro a uma avaliação de melhor ou pior, mas sim as configurações que cada modalidade possui em seu cotidiano e quão a EJA é diferenciada. A educadora Neumann (2010), em seu Memorial Formativo, conta como foi descobrir-se no mundo do magistério, cito suas palavras para problematizar uma prática desconhecida por mim dentro do ambiente escolar até conhecer a EJA.

Conheci um mundo que me vejo lendo até hoje, muitas vezes não lhe entendendo, mas sempre procurando fazer parte dele: o mundo da crítica, da reflexão, da participação, da valorização do público e da luta pelo cumprimento de direitos e deveres. Esse foi um grande passo na minha trajetória pessoal e que não consigo dissociar de minha prática pedagógica. (p.40).

Trabalho há alguns anos com a Educação Infantil, possuo conhecimento de como essa fase é essencial na formação do sujeito e entendo toda preocupação e dedicação que há quanto aos estudos para essa área da educação. Por um período muito curto estive em sala de aula com crianças de séries iniciais, mas meu contato teórico com essa modalidade se fez presente todo o período da formação acadêmica, desde o primeiro momento os estudos com a

alfabetização de crianças sempre foi muito intenso dentro da faculdade. Porém, sempre questionei: como é ser professor da EJA?

Dentro da Universidade não possuímos um equilíbrio de estudos, refiro-me ao número de cadeiras obrigatórias entre as três modalidades (educação infantil, anos iniciais e educação de jovens e adultos). Mas há o Estágio Obrigatório, esse momento dentro da Universidade nos permite conhecer durante 4 a 6 meses a Educação de Jovens e Adultos. E é nesse momento que descobrimos que o professor da EJA não possui as mesmas características dos demais educadores, assim como a escola da EJA mostra-se completamente diferente, por motivos políticos que acabam justificando a defasagem dos estudos ofertados aos alunos dentro da própria Faculdade.

Há vários tipos de professores, formas diferentes de pensar e agir, hoje entendo que não há um modelo ideal de educador, pois cada um descobre em si algo novo todo dia, portanto sei que para ser professor da EJA há alguns pontos essenciais que o docente precisa ter e respeitar para conseguir compreender aquele espaço educacional e ser um aliado a essa luta pela permanência e valorização da Educação de Jovens e Adultos. A professora Evelise, em entrevista, relata acreditar que o maior desafio dos professores da Educação de Jovens e Adultos seja assegurar a permanência dessa modalidade na educação, pois cada vez mais se percebe o descaso com a EJA, em seu relato cita o exemplo da escola em que trabalha, na qual a turma da EJA foi fechada. Para Cunha (2012):

Faz-se necessário aos educadores e educadoras que atuam em uma modalidade da educação básica que expressa visivelmente, os séculos de exclusão e inobservância dos direitos das pessoas, reconhecê-los e lutar por sua efetivação. (p.112).

O professor da EJA, assim como os outros, possui uma responsabilidade social imensa, porém dentro da sala de aula da EJA, essa responsabilidade possui vários desdobramentos e individualidades peculiares.

Eu acho que essa responsabilidade social é o que mais a gente traz na Educação de Jovens e Adultos. Eu trabalhei dando aula de Português com aluno dono de “boca de fumo”, com aluno tão perdido no crack que ele ficava rodopiando, ele não conseguia parar, e te diz assim: “- Professora, deixa eu desenhar no canto do quadro?”. Então tu tem toda tua formação, tu tem toda tua condição, tu vai lá falar de Camões, e tu tem que fazer o serviço social, assistencialista, parar e ser mãe também. Eu acho que esse é o nosso

maior serviço que vem no pacote e a gente nem imagina que vem quando a gente se forma, né? (Professora Josiane, entrevista, 2017).

A fala sensibilizada da Professora Josiane nos faz pensar nessas diferenças que constituem o cenário educacional da Educação de Jovens e Adultos. Trabalhamos com adultos, sujeitos complexos, carregados de histórias e vivências, experiências positivas ou negativas, e, muitas vezes, recordam-se apenas das negativas. E nesse momento o trabalho assistencial, em que a Professora Josiane cita, precisa entrar em sala de aula e ocupar o lugar do conteúdo programado. O professor da EJA entende que muitas vezes seu planejamento vai ter que ser engavetado por um dia, talvez dois ou, em alguns casos, por uma semana. Pois são inúmeros pontos que atravessam a sala de aula da EJA. Nóvoa (2006), ao questionar sobre características do que é um bom professor, menciona uma lista de atributos para o professor, entre eles, encontra-se o compromisso social:

Educar é conseguir que a criança ultrapasse as fronteiras que, tantas vezes, lhe foram traçadas como destino pelo nascimento, pela família ou pela sociedade. Hoje, a realidade da escola obriga-nos a ir além da escola. Comunicar com o público, intervir no espaço público da educação, faz parte do *ethos* profissional docente. (p.3).

Cada sujeito possui suas individualidades, sejam pessoais do seu contexto histórico ou no aprender. Portanto, não julgar e não silenciar o sujeito é uma importante característica do professor da EJA, pois sabemos as condições do país em que vivemos e que o mesmo não fornece uma educação igual para todos, assim como as desigualdades sociais que existem fora dos muros da escola. Com isso, é importante que esse professor que trabalha com Jovens e Adultos prejudicados em algum momento pela injustiça social, ofereça o seu melhor trabalho. E muitas vezes estender a mão e oferecer ajuda será o seu melhor ato educacional, assim como a professora Josiane relatou de sua experiência. Quando trabalhamos com adultos, sabemos os desafios que os alunos estão enfrentando para se fazerem presentes, pois em algum momento de suas vidas, eles desistiram da escola pela escola desistir deles e há inúmeras justificativas para tal decisão e todas compreensíveis. Como bem ilustra Moll (2004):

homens e mulheres marcados por experiências de infância na qual não puderam permanecer na escola pela necessidade de trabalhar, por concepções que os afastaram da escola como de que “mulher não precisa aprender” ou “saber o rudimentos da escrita já é suficiente”, ou, ainda, pela seletividade construída interna, entre na rede escolar que produza, ainda hoje, itinerários descontínuos de aprendizagens formais. Referimo-nos a homens e mulheres que viveram e vivem situações-limite nas quais o tempo

de infância foi via de regra, tempo de trabalho e de sustento das famílias. (p.11).

Para Barcelos (2006), “Pensar a Educação de Jovens e Adultos sem levar em conta este processo de silenciamento pelo qual passaram boa parte daqueles e daquelas que hoje, já em idade avançada, tentam retornar à escola é um grande equívoco”(p.35). Portanto, o professor precisa ajudar o educando a se envolver novamente com aquele ambiente, a acreditar novamente na sua capacidade, no seu futuro, nas mudanças que cada sujeito pode influenciar na sociedade com suas ações, o quanto sua presença naquele espaço educacional é importante e não silenciar as vivências dos sujeitos.

Acredito que o professor tenha que desenvolver com o educando um trabalho de recomeço, esperança de que é possível sim ajudar o sujeito no objetivo que ele possui, mostrar caminhos para o aluno recuperar sua autonomia, realizar a afirmação diária da importância de cada sujeito estar em sala de aula. O quanto sua presença é importante e como acreditamos nele.

é um resgate daquele sujeito, que é um sujeito que está inserido em um contexto social e ali ele precisa se dar conta da importância e do quanto ele é um cidadão que merece ser feliz, um mundo melhor, que ele participe e que tenha consciência desse direito dele. (Professora Ceres, entrevista, 2017).

A fala de Ceres mostra-se em total sintonia com sua escrita no Memorial Formativo, quando fala sobre seu modo de viver, de agir na sociedade e no ambiente educacional, um olhar sempre muito sensibilizado e cooperativo para/com o estudante, valorizando a relação afetiva com o outro.

Percebo, então, que minha forma de me mover, de sentir, de agir e de intervir no mundo advém dessas relações, juntamente com outras experiências, que me ensinaram e me ensinam a atribuir significado aos acontecimentos e a ter um olhar construtivo frente à vida e na minha relação com os educandos. (FERREIRA 2010, p.50).

Encontro nesse diálogo entre professores e teóricos que o principal fator que move um professor da EJA a ser o seu melhor, é de fato o aluno e a esperança no sujeito. Pois em uma criança, mesmo que prejudicada socialmente, ainda podemos enxergar no fundo de seus olhos algum sonho que insiste em se fazer presente mesmo que ela não queira mais acreditar, porém um adulto, muitas vezes não enxerga mais em si oportunidade nenhuma de realizar um

sonho, nem recordam de um dia tê-lo tido, então, são nesses momentos, que o educador da EJA precisa entender o seu papel e exercê-lo com muito amor e dedicação.

5.4 O espaço da formação docente dentro da escola

Pensar o trabalho docente como um trabalho do grupo, colaborativo e participativo. O trabalho docente não é um trabalho solitário do professor na sala de aula, mas é o trabalho de uma equipe. (SARMENTO, 2002, p.279).

Ao ler os Memoriais Formativos dos autores- educadores entrevistados deparei-me com a aprendizagem da prática presente no livro: Memórias e Afetos na formação de professores. Com histórias que possibilitaram identificar alegrias e inseguranças da profissão. Por isso penso que o Memorial Formativo poderia ser utilizado como um aliado nos espaços de formação além da universidade. Em que fosse possível pensar um espaço no qual os professores da educação básica pudessem destacar pontos essenciais desse momento de escrita e da sua trajetória pessoal. Tecendo teias que envolvesse também o profissional para seus colegas e que dessa forma a voz dos educadores alcançasse um tom mais alto que ultrapasse as paredes da sala de aula, possibilitando a formação dentro do espaço educacional. O que para Nóvoa (2006) será a chave para que ocorra mudanças: “Enquanto forem apenas injunções do exterior, serão bem pobres as mudanças que terão lugar no interior do campo profissional docente” (p.6).

Sabemos que aprendemos muito com o outro, com a observação, com o diálogo e também na leitura de seus escritos.

Quando penso na minha definição profissional, me lembro da persistência de professores e colegas que demonstraram profundo respeito pelo saber e que percebem na arte uma fonte de entendimento do mundo para dar sentido à existência humana no que lhe é mais profundo, a sensibilidade. Quero ser como eles. (RIAL, 2010, p.63).

Todos nós queremos ser formadores, queremos que alguém diga que admira nosso trabalho, portanto desempenhamos ele da melhor maneira, para que possamos ser inspirações assim como aqueles que nos inspiram. “Partimos do princípio de que a experiência pessoal do professor pode servir como base para a formação docente, seja inicial ou continuada, pois o ato de refletir a vida provoca um repensar das ações e da forma de aprender a profissão” (FERNANDES, LOPES, 2011, p.37). Os nossos autores- educadores sentem-se formadores

pela sua prática em sala de aula, pela troca em uma conversa rápida de corredor com aquele estagiário ou com aquele professor antigo da escola, eles entendem que naquela conversa rápida ambos estão compartilhando saberes e constituindo para o fazer docente um do outro.

A professora Evelise afirma rapidamente quando lhe é indagado se eles sentiam-se formadores nos seus espaços de trabalho: “com certeza, com toda certeza.” (entrevista, 2017). Sabemos que como educadores nosso papel em sala de aula é de ajudar na formação do aluno, mas poucas vezes paramos e refletimos se realmente estamos contribuindo para a formação docente do nosso colega. Por esse motivo penso que o Memorial Formativo possibilita exercer esse papel, que cabe às escolas e organizações formativas pensar a melhor maneira de explorar esse rico material. O professor Jorge relata que antigamente fazia-se mais presente na formação do outro e na relação com os colegas. Conta que sempre foi muito ativo em conselhos de classe e momentos de debates na escola, justifica que de certa forma a falta de compromisso de alguns colegas com a educação tem o desmotivado até mesmo de participar de um café na sala dos professores.

Sentimos uma grande perda quando percebemos que professores com total qualificação, optam muitas vezes em se afastar dos espaços que deveriam estar sendo utilizados para formação, porque há aqueles que infelizmente não assumem o mesmo comprometimento que os demais. O espaço de conversa que a entrevista para o TCC possibilitou, levou o professor Jorge a refletir e logo após o relato sobre não frequentar nem a sala os professores, ele diz o seguinte:

Aquele intervalo de 15 minutos, faz dois anos que eu tenho uma salinha lá e fico trabalhando lá. E agora eu estava pensando justamente isso. Acho que eu preciso voltar lá, pra ver o que estão falando (Professor Jorge, entrevista, 2017).

Com esse relato sobre o espaço de formação dentro da escola, Josiane (entrevista, 2017) também concorda com Jorge ao dizer que muitas vezes “o ambiente não é intelectualizado”. Ceres (entrevista, 2017) comenta que já houve um tempo em que ela também havia “desistido” desse ambiente como espaço de formação, mas ela percebeu que sempre há aquele que você irá atingir de maneira positiva e que isso te faz querer continuar e acreditar. Faz-se necessário conscientizar os educadores para que esses professores que querem esse ambiente como um espaço formativo possam sentir dentro do contexto, e não

constrangidos em abordar um assunto profissional durante o intervalo, como relatou Josiane na entrevista: “É muito triste isso, tu querer conversar e cara feia, então é melhor as vezes tu tomar o café sozinho.” (entrevista, 2017).

O espaço para formação dentro da escola existe, seja na sala dos professores ou no saguão, porém percebemos pelas falas de nossos autores-educadores que muitas vezes acabam por não ser utilizados de maneira conveniente, o que causa um desconforto, pois esses professores acabam por ter que procurar a formação fora da escola, quando na verdade a formação acontece dentro do espaço educacional. E para Nóvoa (2006) os professores só vão ser agentes de sua formação quando começar a acontecer dentro do ambiente designado, assim como os médicos tornam-se médicos dentro de hospitais (p. 6).

Por fim, entendo pelo relato desses autores-educadores que o espaço educacional público está cada vez mais carente de formação docente dentro da escola, seja por motivos financeiros ou como nos foi relatado, por esses espaços não serem utilizados para tal função. Portanto, através do que foi dito por nossos entrevistados, nos seus locais de trabalho atuais o espaço para a formação docente dentro da escola encontra-se em dívida com seus educadores. A formação acontece no contato direto com o outro, na troca de experiências, no aprender, mas apenas para aqueles professores “diferenciados”.

6. CONCLUINDO PARA NÃO ACABAR...

Neste momento do trabalho, considero importante retomar ao objetivo da pesquisa, que consiste em investigar o modo como os professores da EJA se formam no contexto da prática da docência, analisando os Memoriais Formativos enquanto dispositivo de (auto)reflexão e formação continuada.

Para conseguir responder alguns questionamentos e inquietações sobre a formação docente e analisar como a reflexão está presente no cotidiano dos professores, utilizei os Memoriais Formativos como objeto de pesquisa, no qual ao ler e estudá-los pude reconhecê-lo como um suporte na formação de professores para além da universidade.

Existem pesquisas já apontadas nesse estudo que apresentam a importância desse recurso ainda pouco utilizado enquanto um potencializador na reflexão dos professores, formação e compartilhamento de saberes. Autores como Soligo, Prado, Freire e Nóvoa se fizeram presente durante toda a escrita e inspiraram-me para que esse trabalho se desenvolvesse. Alguns focados exatamente no Memorial Formativo como recurso formativo e outros auxiliando no diálogo com sua experiência na formação de professores.

Considerando os estudos realizados durante a pesquisa, algumas reflexões foram feitas, através da leitura dos Memoriais, do embasamento teórico e no momento da entrevista com o grupo de professores. É visível a preocupação que há com a formação de professores nos estudos acadêmicos, revelando que muitos problemas que a educação enfrenta hoje existem pelo fato de termos uma ruptura nos estudos destinados aos professores nas universidades. Com isso, teóricos preocupam-se em preparar os futuros professores para a carreira docente visibilizando todos os desafios que acarretam a docência. Os Memoriais Formativos contemplam a intenção de compartilhar a realidade com os leitores.

O momento de leitura dos Memoriais e conversa com os professores, inspiraram-me a seguir em frente, foi possível identificar em suas escritas os problemas que cercam o cenário educacional e com isso, criar um diálogo com os educadores teóricos preocupados com o assunto. As conversas e leituras dos autores- educadores, permitiram que inconscientemente agregassem valores que levarei uma vida inteira na profissão, tentarei exercê-la sempre com muito amor e respeito aos educandos. Assim como esses professores que admiro, realizam

durante tantos anos. Valorizar o Memorial Formativo como recurso importantíssimo dentro dos locais de formação, pois a fala dos professores, falas reais dos amores e desamores da profissão faz com que a formação docente seja pensada dentro do espaço escolar, possibilitando voz ativa aos professores que fazem a educação no dia a dia.

Confio nas palavras de compromisso desses educadores quando falam sobre a EJA, compreendo esse amor que eles relatam ter dentro da escola, inspiro-me nesses sujeitos e nos profissionais que são, porque acredito que só podemos fazer diferente se fizermos o melhor. *“Somos lembrados de que fazer as coisas com qualidade e cuidar para que cada etapa da execução seja esmerada, feita com carinho e perfeição”* (ALVES, 2012, p.120), hoje sinto esse desejo, de doar o melhor que posso oferecer no momento. Mas quero ser como Josiane, Ceres, Jorge e Evelise no futuro, que depois de tantos e tantos anos dentro da sala de aula, ainda sentem-se apaixonados pela educação e por seus educandos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Iniciação à docência em Pedagogia: Memórias que contam histórias.** Editora Oikos. São Leopoldo. 2012.

_____. **Memoriais escolares e processos de iniciação à docência.** Educação em Revista. V.29. No.02, Jun. Belo Horizonte. 2013.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar.** Editora Papyrus. São Paulo. 2012.

ARENHALDT, Rafael. **Memorial Formativo: A escrita das trajetórias de vida de estudantes de origem popular.** In Há uma Universidade no meio do caminho. Caminhada dos bolsistas do PET/conexões de saberes da UFFS/Erechim até a universidade. Editora Evangref. Erechim. 2012.

ARENHALDT, Rafael.; MARQUES, Tania Beatriz Iwaszko. **Memórias e afetos na formação de professores.** Editora Universitária. Pelotas- RS. 2010.

ARENHALDT, Rafael. **Memoriais e histórias de vida.** Disponível em: <http://memorialformativo.blogspot.com.br/2007/09/memorial_8293.html>. Acesso em: 17 abr. 2017. 2007

BAIER, Ana Paula Dal Forno Dal Osto; ARENHALDT, Rafael. **Matriciamentos e modelos da/na docência: a escrita de si nos memoriais formativos da especialização proeja.** In: Memórias e Afetos na Formação de Professores. Editora e Gráfica Universitária. Pelotas- RS. 2010.

BARCELOS, Valdo. **Formação de professores pra Educação de Jovens e Adultos.** Editora Vozes. Rio de Janeiro. 2006.

BOLÍVAR, Antonio. **Profissão Professor: O itinerário profissional e a construção da escola.** Editora Edusc. São Paulo. 2002.

BOLZAN, Dóris. **Formação de professores: compartilhando e reconstruindo conhecimentos.** Editora Mediação. Porto Alegre. 2002.

CUNHA, Aline Lemos. **Algumas reflexões sobre os sujeitos da educação de jovens e adultos.** In Entre imagens e palavras: práticas e pesquisas na EJA. Editora Panorama Crítico. Porto Alegre, 2012.

CHALUH, Laura Noemi. **Leitura e Escrita: Possibilidades para a reflexão.** In Porque escrever é fazer história. Revelações Subversões Superações. Editora Alínea. São Paulo. 2007.

FERREIRA, Ceres Labrea. **Mosaico de com-vivências educacionais.** In Memórias e afetos na formação de professores. Editora Universitária. Pelotas- RS. 2010.

FERNANDES, Natal Lânia Roque; LOPES, Maria Amélia. **As narrativas de formação nos processos formativos de professores como dispositivo para a reflexão sobre a aprendizagem da docência na educação de jovens e adultos.** In Revista FACED. No. 20, Jul./dez. Salvador. 2011.

- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- FUJIKAWA, Mônica Matie. **A Escrita como Pretexto de Reflexão da Prática Pedagógica e como Estratégia de Intervenção na Formação de Professores**. In Porque escrever é fazer história. Revelações Subversões Superações. Editora Alínea. São Paulo. 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Editora Paz e Terra. São Paulo. 2011.
- _____. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. Editora: Olho d'água. São Paulo. 2006.
- KAUFMAN, T. Michael. **Robert K. Merton, sociólogo versátil e criador do grupo focal**. In Usos e possibilidades do grupo focal e outras alternativas metodológicas. EDITORA. LUGAR. 2003.
- LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. in Revista Brasileira da Educação. No. 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: Teoria, Método e Criatividade**. Editora Vozes. Rio de Janeiro. 2003.
- MOLL, Jaqueline. **Educação de Jovens e Adultos**. Editora Mediação. Porto Alegre. 2004.
- MORAES, Ana Alcídia de Araújo. **Histórias de vida e autoformação de professores: alternativa de investigação do trabalho docente**. In Revista Pró-Posições. V.15. No. 2, maio/ago. Amazonas. 2004.
- NARADOWSKI, Mariano. **Después de clase: Desencantos y desafíos de la escuela actual**. Editora: Novedades educativas. Buenos Aires. 1999.
- NEUMANN, Evelise. **Escrever para escrever-se**. In Memórias e afetos na formação de professores. Editora Universitária. Pelotas- RS. 2010.
- NÓVOA, António. **Para uma formação de professores construída dentro da profissão**. Universidade de Lisboa. Lisboa. 2006
- _____. **O método (auto)biográfico e a formação**. Ministério da Saúde. Lisboa. 1988.
- PASSOS, Josiane Coelho. **Trajectoria de uma professora: seus saberes, valores e amores**. In Memórias e afetos na formação de professores. Editora Universitária. Pelotas- RS. 2010.
- PRADO, Guilherme do Val Toledo. SOLIGO, Rosaura. **Porque escrever é fazer história. Revelações Subversões Superações**. Editora Alínea. São Paulo. 2007.
- RIAL, Jorge Fortuna. **Memorial de Jorge Fortuna Rial**. In Memórias e afetos na formação de professores. Editora Universitária. Pelotas- RS. 2010.
- ROSA, Maria da Conceição de Carvalho. **A escrita dos professores: instrumento de reflexão sobre a prática pedagógica**. In Porque escrever é fazer história. Revelações Subversões Superações. Editora Alínea. São Paulo. 2007

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Infância, exclusão social, e educação como utopia realizável.** Editora Educação e sociedade. 2002.

SILVA, Solimar. **50 atitudes do professor de sucesso.** Editora Vozes. Rio de Janeiro. 2014.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Editora Vozes. Rio de Janeiro. 2002.

APÊNDICES

Apêndice 1: Convite para entrevista enviado por e-mail ou rede social Facebook.

CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Estimados docentes,

Chamo-me Camila Gromoski da Silva, graduanda do Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientanda de Trabalho de Conclusão de Curso do Prof. Dr. Rafael Arenhaldt e estamos desenvolvendo uma pesquisa que propõe investigar a constituição e formação docente enquanto professor reflexivo, pensando suas práticas pedagógicas na Educação de Jovens e Adultos. Utilizo como recurso metodológico de pesquisa, os Memoriais Formativos escritos por vocês no Curso de Especialização do PROEJA. Assim sendo, como parte da metodologia do meu trabalho, necessito realizar uma entrevista coletiva. Portanto, lhes convido a participar e contribuir com seus estudos sobre o assunto abordado em minha pesquisa.

DIA: 24 de Maio de 2017 (quarta-feira)

HORÁRIO: 19 horas

LOCAL: Faculdade de Educação - UFRGS, Sala: a confirmar. Av. Paulo da Gama, 110-Farroupilha, Porto Alegre- RS.

Att.

Camila Gromoski da Silva

Apêndice 2: Roteiro para entrevista coletiva

Bloco 1: Reflexões sobre a pessoa e o professor:

- 1) Quem é o professor@ XXXX hoje?
- 2) De que forma a “pessoa” XXXX influência n@ XXXX professor@?
(*Tem como separar um do outro?*)
- 3) Definem, por favor, em uma palavra ou uma frase o que é ser educador da EJA?
- 4) Há como definir em poucas palavras o que é um bom professor na Educação de Jovens e Adultos?

Bloco 2: Sobre os Memoriais Formativos: convite para pegar um exemplar do Livro Memórias e Afetos na formação de professores e localizar seu Memorial Formativo.

- 1) Qual foi a importância da escrita do Memorial Formativo na trajetória de vocês?
(*impactos na profissão, no ser docente, significado desse momento*)
- 2) Qual a potência da escrita do Memorial na formação como professor?
(*abriu novos caminhos para a carreira?*)
- 3) Como seria a escrita do Memorial hoje?
(*aspectos importantes que seriam acrescentados e atualizados nessa escrita? Dados significativos sobre o educador que és ou se tornou que não consta nessa versão*)
- 4) Minha experiência como leitora dos Memoriais de vocês provocou uma troca de experiências, saberes e conflitos, exatamente o que é a vida pessoal e profissional. Nesse sentido percebi que o Memorial é um recurso de formação tanto para o professor experiente, como para aquele em início de carreira.
Vocês se consideram professores que formam outros professores, seja pela escrita dos Memoriais ou mesmo no seu ambiente de trabalho?
- 5) Qual a responsabilidade social de vocês hoje com a Educação de Jovens e Adultos?
(*Considerando @ professor@ experiente que és, assim como suas vivências dentro do espaço educacional*)
- 6) De que forma o trabalho coletivo está presente na sua escola com teus colegas e no seu cotidiano escolar? (*tens um papel no desenvolvimento do trabalho coletivo, na troca e na partilha dos saberes docentes?*)

7) Após dez anos aproximadamente da escrita de seus Memoriais Formativos, como se sentem revisitando-o?

(há ou não uma (re)afirmação dos docentes que são hoje com aquele que descreveram no texto do Memorial?)